

FLORES NUMA CHÁVENA DE CHÁ





Aquarela s/ papel 21 x 14,8 cm – 1988



Zé Maria tinha tido um dia horrível.

De manhã não ouvira o despertador, esse objecto (in)útil. Arranjara-se à pressa, coisa que detestava. Quando saíra, para tomar o pequeno almoço, o café em frente estava cheio de gente. Claro! Era mais tarde! Viu que ali não se safava. Para tirar o carro da garagem fora um desatino. O espaço entre as colunas tinha diminuído durante a noite.

Quando chegou ao banco, a reunião já tinha começado. Todos olharam para ele como se olha para um réu num julgamento. A certa altura, ouviram-se os Queen: “We are the champions...”. Era o toque do telemóvel dele. Esquecera-se de lhe tirar o som. Todos voltaram a olhar para ele, desta vez como se olha para um condenado. Para campeão, ia bem lançado, sem dúvida.

À hora do almoço, com os minutinhos contados, saíra para se encontrar com a namorada, que não aparecera. Esperara e fartara-se de esperar. Quando pegou no telemóvel, para lhe ligar, reparou que o tinha desligado, com a atrapalhação, durante a reunião. Ligou-o e logo viu a mensagem dela: “Desculpa. Estou presa numa reunião. Não esperes por mim. Beijos. Até logo.” Sim senhor! Já não ia ter tempo para almoçar. Comeu uma sopa à pressa.

A tarde fora um prolongamento da manhã, mas mais requintado. A secretária tinha sido chamada para ir buscar o filho doente ao infantário. Sendo o braço direito de Zé Maria, fazia-lhe uma falta tremenda e logo naquele dia, sexta feira e fim do mês. Se havia ocasião em que precisava de dois braços direitos era aquela. Foi tentando resolver as coisas com o seu, mas não parecia haver grande conexão entre este e a sua cabeça.

O pc persistia em dizer-lhe, sem rodeios nem cerimónia “File not found”.

“Mas onde é que está o raio do dossier do Jardim Zoológico? Só a mim, também, é que entregam coisas destas! Macacos me mordam e aos financiamentos!”

No gabinete ao lado, ouvia vozes exaltadas. “Bonito! Alta tensão! Será que há perigo de morte? E se chega aqui?”

Saiu, discretamente, em direcção à máquina de café, ao fundo do corredor. Avariada, informava uma folha de papel, colada às três pancadas.

Apetecia-lhe partir qualquer coisa. Só por acaso não lhe apetecia partir a cabeça. Aliás, nem valia a pena: sentia-a prestes a explodir!

Olhou para o relógio. Eram quase cinco horas.

Sentado à secretária, acabou, com mais calma, por encontrar o que pretendia. “Aleluia! Nem tudo está perdido. Vou é ter de ficar aqui até às

tantas! Enfim, amanhã é sábado!” Imprimiu umas folhas e preparava-se para imprimir outras tantas, quando lhe irromperam pelo gabinete dentro: “Ó pá, ameaça de bomba! O edifício vai ser evacuado. Despachate!” “Era mesmo isto que me faltava”, pensou Zé Maria.

Desceu 21 andares pelas escadas, rogando, baixinho, pragas a tudo e a todos. Quando saiu, deu conta de que chovia como no Dilúvio. Atravessou a larga avenida e ficou encolhido debaixo do toldo da ervanária situada em frente ao banco.

Distraidamente, olhou para a montra. Chás, chás e mais chás. “Por acaso, até me sabia bem um chá quente.” Entrou. “Posso aconselhá-lo?”, indagou, simpática, uma rapariga de olhos claros e cabelo curto. “Qualquer coisa para aliviar o stress, ou então um veneno eficaz!”, respondeu de chofre. A rapariga sorriu, meteu a embalagem que escolheu dentro de um pequeno saco de papel e deu-lhe o troco.

Já cá fora, Zé Maria foi informado de que já ninguém voltaria ao banco nesse dia.

Meteu-se no carro e foi para casa. Ao chegar, não conseguiu encontrar o comando da porta da garagem. Na verdade, estava onde sempre estivera. A cabeça de Zé Maria é que não.

Estacionou longe. Não escaparia a outra valentíssima molha, estava-se mesmo a ver!

Quando, finalmente, entrou em casa, a única coisa que lhe apetecia era tomar um bom duche e enterrar-se bem fundo no seu maple favorito.

Feito isto, lembrou-se do chá. Levantou-se, com algum esforço, e foi pôr a água a ferver. Entretanto, voltou à sala, onde tinha, descuidadamente, deixado ficar o saquinho da ervanária. Levou o pacote para a cozinha e preparou o chá.

Enquanto se virava para o outro lado e pegava no açucareiro, nas suas costas acontecia magia!

Da chávena brotavam flores; flores como ele nunca tinha visto, e uma voz jovial perguntava: “Foi você que pediu uma chávena de boa disposição?”

P.S. Quem é que se lembra de “A Day in the Life”, de Lennon e McCartney?